



CONTRÁ-CORRENTE

A análise da conjuntura econômica na visão e linguagem do sindicalismo classista e dos movimentos sociais

Boletim quinzenal de conjuntura econômica do ILAESE

Ano 02, Nº 30 - 15 de Novembro de 2012

Nova classe média ou nova classe trabalhadora?

Desde 2004, cerca de 20 milhões de brasileiros saíram da situação de pobreza. De fato, são números positivos e expressivos. Mas expressam o quê?

por Daniel Romero

Segundo o governo, significam que o Brasil se tornou um país de classe média, classe que contaria com mais de 95 milhões de pessoas, correspondendo a um pouco mais de 50% da população.

Recentemente o governo, por meio da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), estabeleceu uma classificação oficial das classes de renda no Brasil.

Em valores atuais, a classe média teria renda familiar *per capita* entre R\$ 291 e R\$ 1.019.

É evidente que, com uma renda tão baixa, o termo classe média é questionável e tem um forte apelo demagógico.

Mesmo forçando as cores nos nomes, houve expansão da renda dos setores mais pobres e é esta dinâmica que vale a pena ser analisada.

Em função disso, o *Contra-corrente* inicia com este boletim uma série de três materiais sobre a **Política salarial nos governos Lula e Dilma e mobilidade social no Brasil**.

Nosso propósito cen-

tral é responder à seguinte questão: **o Brasil se tornou um país mais justo socialmente nos últimos 10 anos?**

Nesta quinzena, vamos analisar a tese da “Nova Classe Média”.

O que é e quem é a classe média? Quais os critérios utilizados pelo governo para defini-la?

Qual a sua relação com o restante da classe trabalhadora?

A suposta nova classe média significa mudanças estruturais nas relações entre capital e trabalho?

Quem (não) é a classe média

Uma pessoa que vive com um salário mínimo pode ser considerada de classe média? Para o governo brasileiro, a partir de agora pode.

A Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), órgão ligado à Presidência, recém lançou uma classificação oficial das classes de renda no Brasil.

Os absurdos saltam à vista imediatamente. A classificação do governo é errada conceitualmente, claramente demagógica e distorce a realidade social.

Quem ganha um salário mínimo pertenceria à classe média, mesmo que este valor equivalha atualmente a apenas duas cestas básicas.

Igualmente absurdo é imaginar que os professores das redes estaduais e municipais, que estão fazendo greve no Brasil inteiro para conseguir a implementação do Piso Nacional, seriam considerados de classe alta pelo governo.

Isso ocorre porque a classificação das classes de renda do governo parte de um “erro” básico.

Segundo a SAE, a classe média foi estabelecida a partir da **mediana das rendas**. Ou seja, a partir da renda que divide

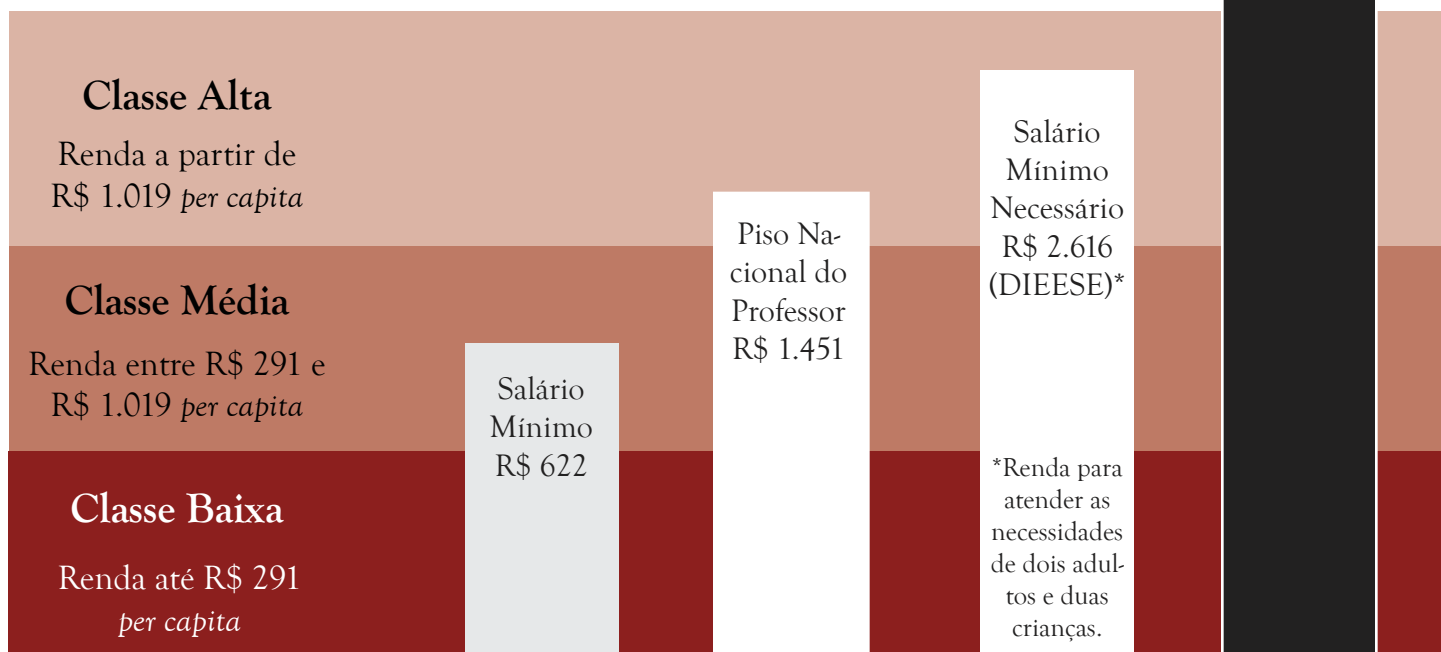
a população em duas. Este valor é de R\$440.

Isso significa que 50% da população possuem renda familiar *per capita* inferior a R\$440 e 50% possuem renda superior a este valor.

O problema é que, com este critério, o da mediana, por definição praticamente todos os países seriam de classe média, do Haiti à Suíça, só mudando a faixa de renda.

Como se vê, tal classificação esconde mais do que revela sobre a realidade brasileira. ●

Salário
Deputado
Federal e
Senador
R\$ 26.700



O que é a classe média?

É evidente que a renda tem um peso importante para a definição da classe média, mas ela não é suficiente. A classe média não se define pela quantidade de carros, TVs ou banheiros.

As classes médias são aquelas que, mesmo sem comporem as grandes classes proprietárias, pois continuam vivendo do seu próprio trabalho, se diferenciam das outras frações da classe trabalhadora por terem acesso a um recurso escasso, podendo ser monetário, de prestígio social ou de poder político.

Em países muito desiguais, como o Brasil, o simples acesso ao ensino superior já promove uma grande diferenciação social e é justamente ele que tem sido a base da formação das classes médias no país: contingentes de médicos, advogados, arquitetos e outros profissionais liberais; engenheiros, segmentos do serviço público, trabalhadores de escritório e outros assalariados de nível superior etc.

Como é de se esperar na sociedade capitalista, **a classe média não é efetivamente a média dos rendimentos, mas um espaço de exclusão e de diferenciação social justamente dos setores majoritários.**

Elementos que contribuíram para a elevação da renda (2001-2011)

Trabalho	76 %
Previdência	21 %
Bolsa Família	3 %

Fonte: IPEA. "A Década Inclusiva" in: Comunicados do IPEA no. 155. Setembro de 2012. pp. 32. Elaboração ILAESE.

Nos países muito injustos socialmente, a classe média é a fração da classe trabalhadora que escapou da barbárie social e que é fundamental para o funcionamento do Estado e reprodução das relações de trabalho.

Ascensão social na última década

À parte a demagogia dos rótulos, houve um processo de mobilidade social ascendente dos setores mais pauperizados na última década no Brasil e é isto que vale a pena ser analisado.

Aquilo que o governo chama de nova classe média representava 38% da população em 2001, passou para 49% em 2009 e estima-se que são 54% em 2012.

Ao mesmo tempo, os

pobres teriam passado de 48% em 2001 para 34% em 2009.

Segundo o IPEA, muito mais do que os programas sociais, foi a renda do trabalho a responsável por esse processo (vide tabela).

Isso foi possibilitado pelo crescimento econômico que, por sua vez, contribuiu para o aumento da formalização do trabalho, a redução do desemprego e pelos ganhos reais do salário mínimo.

Não se pode subestimar, também, o papel que a organização sindical teve neste momento.

O cenário acima estabeleceu condições mais favoráveis de negociação, de modo que na segunda metade da década passada, a maioria das catego-

rias conseguiu reajustes salariais superiores à inflação.

Alta burguesia: uma classe invisível

Ainda assim, estamos muito longe de sermos um país de classe média.

A concentração de renda no Brasil é tão brutal que a famosa mensagem do Ocupe Wall Street, de que os trabalhadores são 99% da população, não é suficiente para expressar a realidade brasileira.

A grande burguesia no Brasil representa bem menos de 1%.

Podemos ver isso pelos ganhos de quem têm as maiores rendas: aquele que ganha R\$ 1.615, um pouco acima do Piso do Professor, já está entre os 10% com maior renda.

E mesmo quando selecionamos a renda do 1% mais "rico", nela seguramente fazem parte pessoas que vivem do seu próprio trabalho, pois a renda destes começa em R\$ 11.000, valor ainda muito distante do estilo de vida de "Eikes Batistas e Daniel Dantas". ●

Redução da desigualdade à brasileira

A expansão da renda dos mais pobres foi combinada com a precarização dos menos pobres

Embora tenha havido expansão da renda dos mais pobres, também estamos vivendo o processo inverso: setores que até então seriam considerados de classe média estão se assalariando, pauperizando-se e perdendo prestígio social.

E setores da classe trabalhadora até então com mais proteção social, estão mais vulneráveis.

É o caso de profissões que, de tradicionalmente autônomas, cada vez mais estão submetidas ao assalariamento, com jornada de trabalho pré-estabelecida e relações de trabalho hierarquizadas.

Esta situação é cada vez mais comum entre médicos, advogados, dentistas e arquitetos.

O mesmo ocorre com trabalhos assalariados que, há algumas décadas, eram sinônimos de proteção social e barreira contra à precarização do trabalho, mas que atual-

mente perderam completamente este perfil.

Bancários, servidores públicos, professores universitários e engenheiros vivem uma mobilidade social descendente, principalmente em relação à jornada excessiva e condições de trabalho.

Por fim, categorias que tradicionalmente não são consideradas de classe média em função do preconceito social, mas que obtiveram rendimentos superiores à média nacional,

como metalúrgicos, eletricitários e petroleiros, também estão sujeitos ao mesmo processo de precarização das condições de trabalho e renda.

Ampliação precária da classe trabalhadora

Ao invés de nova classe média, estamos vivendo um processo complexo de ampliação da classe trabalhadora.

Uma ampliação sob o signo da precariedade e do sobretrabalho, é nisso que se resumiu o projeto de transformação social

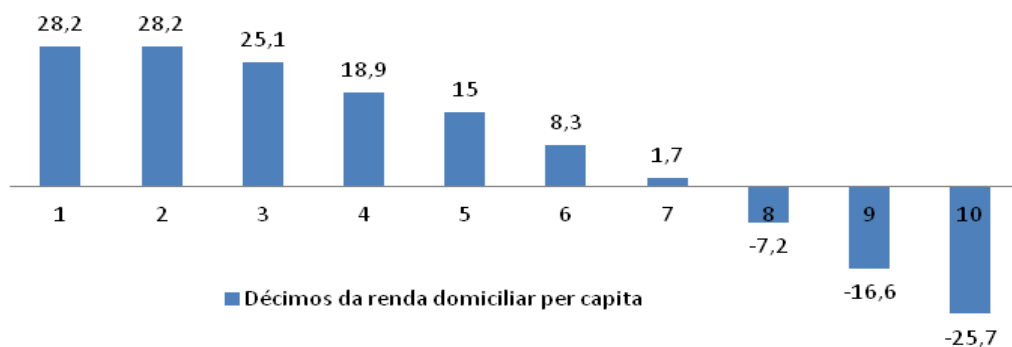
do PT.

O debate sobre a “nova classe média” tem um significado mais profundo, para além da manipulação grosseira dos seus rótulos.

Seu problema não está onde ela começa, mas onde termina. Pois é neste momento que o governo dá um recado ao trabalho: “daqui não passarás!”.

É também uma promessa ao capital. Felizmente, bem sabemos que governos não são bons em cumprir promessas. ●

Evolução real da renda domiciliar per capita 2003-2011 (em %)



Fonte: IPEA. “A Década inclusiva (2001-2011): Desigualdade, Pobreza e Políticas de Renda” In: *Comunicados do IPEA*, no. 155 (Setembro de 2012), pp. 25. Elaboração e correção pela inflação do período: ILAESE.

EXPEDIENTE

Coordenação Nacional do ILAESE: Cristiano Monteiro, Daniel Romero, Érika Andreassy, Luci Praun, Nando Poeta e Nazareno Go-deiro. **Contato:** Praça Padre Manuel da Nóbrega, 16 - 4º andar. Sé - São Paulo-SP. CEP: 01015-000 - (11) 7552-0659 - ilaese@ilaese.org.br - www.ilaese.org.br. CNPJ 05.844.658/0001-01. Atividade Principal 91.99-5-00. **Contra-corrente** é uma publicação quinzenal elaborada pelo ILAESE para os sindicatos, oposições sindicais e movimentos sociais. **Editor responsável:** Daniel Romero.